

Entrevista com **Roberto Pereira** (CRP 05/16524), psicólogo do Centro de Educação Sexual (CEDUS) e co-representante da ONG Aids-RJ.

**1) Qual você acredita que seja o papel da Psicologia no enfrentamento à homofobia?**

Esse papel pode assumir diferentes nuances, de acordo com cada situação e contexto. No âmbito da clínica, no consultório, a Psicologia pode ser uma poderosa ferramenta no sentido de ajudar pessoas em crise, em processo de inadequação social, ou até mesmo em processo de desvelamento da sua identidade, oferecendo suporte para o fortalecimento desses indivíduos. De uma forma mais ampla, a Psicologia pode contribuir de forma significativa na desconstrução de mitos, tabus e padrões estereotipados.

**2) Você acha que os psicólogos têm cumprido esse papel?**

Essa é uma resposta difícil. Acredito sim, que estamos atravessando um processo de mudança, mas não creio que seja assim tão fácil. Não podemos esquecer que questões como essa têm um grande componente emocional, muito ligado a valores e padrões sociais cristalizados, de forma que necessitam ainda de um bom tempo de maturação. Não raro, vemos ainda companheiros (as) nossos (as) envolvidos em “cruzadas pela cura da homossexualidade”, mesmo indo radicalmente contra todas as normas já consagradas pelo CFP.

**3) Como o CFP se posiciona quanto à forma com que psicólogos devem tratar essas questões?**

O CFP tem tido um papel fundamental desde a publicação da Resolução contra qualquer tentativa de patologização por parte dos psicólogos com relação à orientação sexual. (Resolução 01/99 do CFP). Aqui mesmo, no CRP/05, a questão da homofobia tem sido bastante levantada, particularmente pela Comissão Regional de Direitos Humanos.

**4) Que impactos psicológicos o preconceito pode gerar nos homossexuais?**

De uma forma geral, acredito que sentimentos de insegurança e menos-valia sejam uma consequência quase que natural. Afinal de contas, é duro sentir-se “diferente” dos padrões tidos como corretos. Via de regra, o sentir-se “marginal”, mesmo sem se saber muito bem o que venha a ser isso, acaba se tornando um sentimento presente. Existem estudos que apontam três momentos críticos na auto-descoberta da homossexualidade e, por serem críticos, passíveis de crises e situações de sofrimento psico-emocional. O primeiro quando esse indivíduo, geralmente na adolescência, se percebe diferente dos demais e daquilo que sociedade e família esperam deles. Perceber-se atraído por alguém do mesmo sexo, mesmo que nem se tenha exatamente uma idéia do que seja isso, é, portanto, um desses momentos de crise. O segundo momento é quando esse indivíduo decide investigar essa atração. É quando procura com quem dividir suas angústias, é quando sai em procura de respostas. Normalmente é a fase da “vida dupla”, dos amigos secretos. Finalmente, quando esse indivíduo decide, ou é levado pelas circunstâncias, a

seguir seu caminho e assumir sua identidade. Com óbvias variações de uma pessoa para outra, essas três fases costumam ser de intenso sofrimento.

**5) Como psicólogos podem ajudar homossexuais a enfrentar essas situações?**

Cabe ao psicólogo, quando a situação assim o exigir, ajudar pessoas e grupos, nesse processo de auto-descoberta.

**6) De que outras formas essas pessoas podem enfrentar o preconceito? Qual o papel da família, por exemplo, nesse aspecto?**

O papel da família, que deveria ser de acolhimento e suporte, infelizmente ainda tem sido de exclusão. Quando falo de exclusão, não me refiro unicamente ao seu sentido estrito, mas também aos seus aspectos mais sutis, mas nem por isso, menos dolorosos. Não são poucos os casos onde jovens homossexuais, quando essa condição é explícita ou até mesmo quando existe apenas uma suspeita na família, passam a ser sistematicamente desrespeitados por atos, gestos ou palavras. Viram alvo de piadas e insinuações. Isso acontece em casa, na escola, na rua. Muitas vezes o que impera é o silêncio, as meias palavras, os "suspiros de tristeza" ou desabafos do tipo "preferia ter um filho bandido a um filho gay...".

**7) Como você avalia a propagação na mídia de estereótipos relativos aos homossexuais (através de programas humorísticos, por exemplo)?**

Pois é, esse é um problema sério. De uma forma geral, o modelo predominante é aquele da pessoa frágil, indecisa, escandalosa e descontrolada, muitas vezes engraçada e quase nunca levada à sério. Isso em se tratando dos homens. Já as mulheres recebem o rótulo estereotipadamente masculinizado. Todos nós, sem muito esforço, lembramos rapidamente de alguns desses personagens. Quando os personagens fogem do padrão, geralmente não são bem aceitos pelo público e rapidamente são retirados do ar. Podemos deduzir com isso que, já que é para ter gays e lésbicas retratados na TV, que pelo menos sejam fáceis de identificar e, para isso, quanto mais esterotipados, melhor.

**8) Enquanto psicólogo, como você percebe a aceitação na sociedade atual com relação à diversidade sexual? Fatores como religião e local de moradia influenciam na aceitação ou não dessa diversidade?**

Mesmo sabendo que os desafios ainda são muitos, não dá para negar que se avançou bastante. Obviamente que alguns segmentos aceitam essa diversidade de uma forma mais tranqüila enquanto outros tendem a ser mais resistentes em relação a isso. De qualquer forma, as coisas vão mudando. Agora em outubro mesmo, aqui no Rio de Janeiro, está sendo inaugurada a sede de um Grupo LGBT dentro da Comunidade da Maré (Grupo Conexão G), o que por si só já demonstra um processo de mudança em curso.

**9) Como as pessoas têm reagido às mudanças em conceitos “tradicionais” como família, casamento, parentalidade etc.?**

Em que pesem as grandes mudanças que dia a dia vêm acontecendo na sociedade, não podemos nos iludir que a situação esteja sob controle. Ainda é muito grande o número de assassinatos e outros tipos de violência, das mais sutis até a física, contra pessoas de orientação sexual fora do padrão tido como “normal”. De qualquer forma, as mudanças estão acontecendo e esse assunto ocupa, cada vez mais, os espaços de debates e a mídia. Mesmo que lentamente, os novos arranjos familiares vão se afirmando.

**10) Como você avalia as políticas públicas relativas à promoção da diversidade sexual e ao combate à homofobia? Como elas poderiam ser melhoradas nesse sentido?**

Nos últimos anos, tem-se avançado muito em relação à formulação de políticas públicas nesse sentido. Agora, em 2008, aconteceram as Conferências LGBT e, em diferentes pontos do Brasil, as Paradas do Orgulho LGBT também têm se afirmado enquanto um espaço de afirmação cada vez mais presente. Muitas empresas já reconhecem, para fins de benefícios, a união homoafetiva.

**11) Qual o papel dos movimentos sociais na luta contra a homofobia?**

Com a disseminação de Grupos LGBT e sua articulação com diferentes atores e movimentos sociais, a questão da homofobia saiu das discussões internas e passou a ser priorizada em diferentes espaços ligados aos Direitos Humanos, assumindo um papel de prioridade nas agendas nacionais. Hoje, já existem ações em desenvolvimento dentro de escolas e Universidades levando esse debate.

Lamentavelmente, em que pesem todos os avanços alcançados pelo movimento em defesa da livre orientação sexual, os fatos comprovam que ainda falta muito a ser feito. A homofobia, entre tantas outras mazelas sociais a que estamos sujeitos, ainda é uma triste e vergonhosa realidade e antecipar-nos na sua detecção para denunciá-la e combatê-la é uma necessidade que pode fazer diferença entre a vida e a morte. Nunca é demais lembrar que na grande maioria das vezes a homofobia se apresenta mascarada, subliminar, quase imperceptível, porém nem por isso menos perniciosa e perigosa.